

Vale Tudo? A Representação do Primeiro Casal Lésbico da Telenovela Brasileira.

Cíntia Braga¹
Cintiaguedes7@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise da representação das personagens Cecília e Laís, o primeiro casal de lésbicas representado em novelas brasileiras, em 1988, em *Vale tudo*. O artigo está inscrito dentro do projeto de análise dos personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS), ligado ao CULT, da Universidade Federal da Bahia. O objetivo é entender, sob a luz da teoria *queer*, como a representação desses personagens pode combater ou reiterar a homofobia.

Palavras-chave: Homossexualidade – Representação Social – Telenovela – Teoria *queer* - Heteronormatividade.

Introdução



O presente artigo se insere no trabalho do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS), do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), da Universidade Federal da Bahia, cujo o projeto consiste em analisar a representação dos personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo e no teatro baiano. Este artigo possui como objeto de análise as personagens lésbicas em *Vale Tudo*, novela exibida às 20h, na Rede Globo, em 1988.

Vale tudo foi uma novela de estrondosa repercussão, com 47 pontos de audiência no IBOP, exibida no período de redemocratização do Brasil, e, em 1994, foi reprise em Portugal. Neste ano, a nova Constituição brasileira, ao mesmo tempo em que alicerçava os princípios democráticos para a condução do país, também anistiava todos os crimes cometidos pelos militares durante a ditadura. A corrupção, o desemprego e a inflação, males que assombravam os brasileiros de norte a sul do Brasil, eram os temas principais

¹ Cíntia Guedes Braga é Graduada do Curso de Comunicação da UFBA, e pesquisadora do grupo Cultura e Sexualidade (CU'S) do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT).

em *Vale tudo*. No final da novela, o vilão da trama dá uma “banana” pro povo e foge impunemente do Brasil.

Nosso corpus de análise consistiu em capítulos da novela disponíveis na comunidade do Orkut (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=94421094>). As personagens analisadas possuem bastante inserção na trama, são ligadas aos dois núcleos principais, aparecem quase em todos os capítulos, sendo que Cecília morre em um acidente de carro no capítulo 69.

Quanto ao referencial teórico, lançamos mão da teoria Queer para nos aproximarmos aos conceitos de Representação, Identidade, Gênero e Performatividade de Gênero. Partindo de uma revisão que abordou a construção do conceito de Gênero, observamos a incapacidade unificar a abordagem pretendida pelas diversas correntes feministas que constroem este conceito ao longo da história.

O lugar comum de todas essas correntes, que divergem em diversos pontos, é a necessidade de combater uma concepção de gênero como algo natural, ou seja, biologicamente determinado. A ligação dos Estudos Feministas ao pós-estruturalismo e a conseqüente crítica realizada por estas correntes ao modelo de ciência analítica da modernidade ocidental, aponta o que ela (a ciência moderna) inevitavelmente deixa de fora. Um modelo estruturalista da concepção de gênero acaba por classificar os indivíduos com possibilidades de enquadramento em dois diferentes gêneros, “mulher” ou “homem”. Desta maneira, é repetido o modelo binário de pensar o gênero e deixando de fora a multiplicidade característica inerente à cada indivíduo como raça, classe e cultura em geral.

As categorias propostas no mundo ocidental a partir da década de 60 do século passado, serviram sobretudo para, partindo da psicanálise, do marxismo ou ainda das teorias ditas como propriamente feministas, tornar visível a vida das mulheres e as desigualdades nas relações de gênero; “O conceito serve, assim, como ferramenta analítica que é ao mesmo tempo, uma ferramenta política” (LOURO, 1997, p.21). Não há, entretanto, possibilidade real de encontrar um conceito de homem ou de mulher universais, o que existem de fato são uma infinidade de homens e mulheres imbricados em relações de classe, raça, gênero e outras. Relações que tentamos levar em conta nesta

análise.

Nos inscrevemos desta forma dentro da posição que advoga que não há qualquer tipo de categoria analítica que contemple a diversidade de sujeitos e de performances. Uma vez que acreditamos que mesmo um único indivíduo pode estar sujeito a uma pluralidade de discursos, e que as identidades são cada vez mais instáveis e transitórias, como sugere Hall, acreditamos que só se pode falar em unidades transitórias.

O estudo da formação identitária dos sujeitos homossexuais, que estão à margem das categorias binárias, é priorizada pela chamada teoria queer. Para a teórica queer Judith Butler, o feminismo deve agora tomar como premissa metodológica, normativa e política a construção variável da identidade de gênero. Para ela: “a noção estável de gênero dá provas de não mais servir como premissa básica da política feminista” (BUTLER, 2003, p.23). É somente sob essa perspectiva que esta análise aborda seu objeto, uma vez que se propõe a analisar a construção da identidade de gênero na representação de sujeitos que não pode de maneira simples enquadrar-se como “homem” ou “mulher” caso estas sejam categorias universalizantes.

Analisar a representação dos personagens homossexuais na telenovela brasileira nos parece particularmente interessante porque, uma vez que nos aproximamos ao conceito pós-estruturalista de “Representação enquanto fato social” (Rabinow, 1999), a telenovela é o reconhecidamente um produto audiovisual genuinamente brasileiro, e que não pode mais ser apresentada como simples reflexo da sociedade, mas sim, como produto que é transformado e ao mesmo tempo transforma conceitos e modos de vida para além das telas.

A metodologia utilizada para análise foi desenvolvida por Colling (2008). A partir dela pretendemos dar conta dos traços de performatividade de gênero apresentados na narrativa pelas personagens, a fim de identificar a sua humanização ou sua reiteração enquanto corpo abjeto. Segundo Boiler (Ibid), o corpo abjeto seria aquele que por não estar suficientemente imerso em uma categoria de gênero pré concebida, torna-se ininteligível.

Análise

Os trechos em negrito dizem respeito à metodologia utilizada pelo CUS.

Dados gerais do produto

Título: *Vale tudo*

Direção: Ricardo Waddington e Paulo Ubiratan

Direção geral: Dennis Carvalho

Autores: Aguinaldo Silva, Gilberto Braga e Leonor Bassères

Elenco principal: Regina Duarte (Raquel Acioly), Glória Pires (Fátima Acioly), Antônio Fagundes (Ivan Meirelles), Beatriz Segall (Odete Roitman) e Carlos Alberto Riccelli (César Ribeiro).

Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual: Cristina Prochaska (Laís Amorin), Lala Deheinzelin (Cecília Catanhede), Lídia Brondi (Solange Duprat), Regina Duarte (Raquel Acioly), Renata Sorah (Heleninha Roitman) e Nathalia Timberg (Celina Junqueira), Reginaldo Faria (Marco Aurélio).



Tempo de exibição: 16 de maio de 1988 a 06 de janeiro de 1989, com 206 capítulos. Reprisada em 1992, no *Vale a pena ver de novo*, de 11 de maio a 16 de novembro.


Resumo do enredo: A conduta corrupta de parte do povo brasileiro e especialmente da classe dominante é o grande tema da novela. Os primeiros capítulos mostram o fim do casamento de Raquel, a protagonista da trama, com Rubinho (Daniel Filho), um pianista sonhador que não consegue manter a esposa e a filha, Fátima. Com a separação, Raquel muda com Fátima para Foz do Iguaçu, onde vivem 21 anos. Fátima, uma das vilãs da trama, é completamente diferente da mãe, ambiciosa e desonesta, tem como objetivo principal casar com um homem rico. Com a morte do Avô, Fátima vende a casa onde morava com a mãe e a abandona. A partir daí, a trama volta a se passar no Rio de Janeiro, para onde Raquel vai em busca da filha.

Laís e Cecília são apresentadas já no início da trama. São donas de uma pousada em Búzios e, quando estão no Rio, hospedam-se na mansão dos Roitman, pois Cecília tem uma forte relação de amizade com Celina, que é da família e Heleninha, filha mais velha e alcoólatra de Odete. Já no capítulo 19, Cecília prova os croquetes que Raquel

está fazendo no boteco de Poliana (Pedro Paulo Rangel) e convida Laís para provar. As duas resolvem contratar Raquel para ser cozinheira na pousada. Raquel se torna amiga do casal.

A presença do casal na trama torna-se cada vez mais freqüente, no entanto, neste primeiro momento, as personagens servem muito mais como orelha para as protagonistas. Elas estão juntas há 10 anos e a relação é apresentada pelas outras personagens como estável e admirável.

No capítulo 69, Cecília morre em um acidente de carro. Laís fica inconformada com a perda da companheira. Neste momento da trama, a relação das duas ganha uma visibilidade especial por conta da discussão sobre com quem ficará a parte da pousada que Cecília deixou. Marco Aurélio (Reginaldo Faria), um dos ricos vilões da novela, faz questão de ficar com a parte da irmã na pousada, por não considerar que a companheira dela tenha qualquer direito de ficar com a herança.

A discussão sobre o tema dura  cerca de quatro capítulos. Nesse meio tempo, Marco Aurélio trama com Fátima para roubar a minuta feita por Laís e Cecília que garantia o direito de herança de uma em relação a outra. A minuta não havia sido registrada em cartório, mas Marco Aurélio deseja evitar o constrangimento que ela pode causar caso venha a público. Enquanto isso, os “mocinhos” da trama se organizam para levar o documento ao juiz, ao menos como prova do desejo de Cecília, de que Laís assumisse a sua parte na pousada, caso algo lhe acontecesse. Laís, ainda abalada, não consegue ter forças para enfrentar a disputa e pretende abrir mão de tudo.

A situação se resolve quando Solange impede que Fátima roube a minuta e convence Marco Aurélio a abrir mão da pousada. É importante frisar que Marco Aurélio é a representação do “macho” e da homofobia em *Vale tudo*. Está sempre de mau humor e humilhando seus funcionários subalternos, possui várias parceiras durante a trama, mas nunca tem tempo para os relacionamentos amorosos dos quais faz parte, compensa suas companheiras com presentes e dinheiro para que elas façam compras. Suas relações sempre acabam em traição, por parte dele. Já no quarto capítulo ele se refere a irmã como “sapa” e, durante a primeira parte da novela, desconfia que seu filho seja gay, já que ele é muito tímido com as garotas, tem um amigo muito próximo e gosta de música

clássica.

No meio da trama, Odete Roitman é assassinada, e o resto da novela irá girar em torno da descoberta do autor do assassinato. Laís continua participando timidamente da trama. Nos últimos capítulos, aparece com uma nova sócia da pousada, que, no último capítulo, se revela como sua companheira.

Aspectos fixos dos personagens homossexuais:

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001, p.167).

Ambas são personagens coadjuvantes, embora participem de forma recorrente na trama.

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001, p.167):

Cecília é irmã de Marco Aurélio e, portanto, vem de uma família de classe social alta. Quando Cecília morre, o telespectador fica sabendo que Laís só possui a metade da pousada, e que esse é seu único bem material, portanto, podemos classificá-la como o que chamamos de classe média. Ressaltamos que, em *Vale tudo*, a maioria dos personagens passa por muitas dificuldades financeiras, o que não acontece com o casal. Lembramos também que elas privilegiam a vida simples e que ressaltam a preferência da vida em Búzios, mais tranqüila e longe da badalação do Rio de Janeiro.

Cor: Brancas.

Profissão: Empresárias de pequeno porte.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

- 1- estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;**
- 2- gestualidade típica de alguns sujeitos *queer*, especialmente os adeptos de um comportamento/estética *camp*;**

3 - não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);

Ambas as personagens apresentam gestualidade não estereotipada, típicas dos sujeitos heterossexuais. Não há qualquer tipo de “afetação” e nenhuma das personagens apresenta qualquer traço de gestualidade considerada como masculina ou masculinizada. Desta maneira, podemos afirmar que as personagens se apresentam como típicas mulheres, bem sucedidas, que sabem se portar em sociedade, embora apresentem também traços típicos da representação dos sujeitos femininos, como simplicidade, elegância e delicadeza.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):

Ambas se vestem de forma simples e sofisticada. O figurino de Cecília é um pouco mais escuro do que o de Laís, ela usa bastante preto, marrom, azul marinho e couro; já Laís veste bastante branco, amarelo, cinza e azul claro. As peças usadas são típicas dos anos 80, muitas calças de tecido folgadas, blusões, sapatos fechados. Não encontramos cenas nas quais elas usem vestidos. A calça é peça fundamental do figurino das personagens analisadas.

Elas sempre estão maquiadas. Cecília usa batons vermelhos e olhos bem marcados na maquiagem, enquanto Laís usa tons mais neutros. Quanto aos acessórios, ambas usam de forma adequada à década, brincos e anéis grandes, prata e pérolas, algumas vezes dourado.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):

Andando na praia, após a separação do casal principal da trama (Raquel e Ivan), no capítulo 68, Laís e Raquel discutem sobre o relacionamento:

Laís: Ah, francamente Raquel, eu conheço você, conheço o Ivan, vocês tinham mais é que ficar juntos.

Raquel: Você pensa que conhece o Ivan, eu também pensava, mas eu descobri, dentro do Ivan, uma outra pessoa, sabe, muito forte, muito diferente de mim. Mas tão diferente, sabe, que não tem nada haver comigo.

Laís: Mas Raquel, qual o casal que não tem as suas diferenças? Eu acho que são justamente essas diferenças que incrementam, que insuflam a relação. Puxa vida, são duas pessoas que moram juntas. Cê acha que eu e a Cecília concordamos em tudo? Não, a gente tem brigas homéricas, super engraçado porque ela é completamente bagunceira e eu sou mais organizada...

Raquel: Detalhes né Laís?!

Laís: Detalhe, divergência essencial. Não sei Raquel, mas eu acho que não há nada que o amor não supere, entende? Eu acho você desistiu fácil demais.

Raquel: Você não sabe de nada Laís...

Laís: Tá bom, eu posso não saber de nada agora, mas uma coisa eu sei, eu tenho que ir pra pousada agora que o mestre de obras tá me esperando pra dar uma olhada nas plantas.

Raquel: Eu acho que eu vou andar mais um pouco.

Essa primeira cena retrata a função das personagens na trama, especialmente de Laís, personagem que está presente durante toda a novela. É a típica personagem amiga da protagonista: conselheira, madura e confiável. Personagem ligada ao “lado do bem”, já que se trata de uma narrativa maniqueísta, e que está sempre pronta a ajudar a mocinha.

Aqui também aproveitamos para apontar a forma como é tratada a relação homossexual dentro da trama. Primeiramente como algo “natural”, uma vez que não causa estranhamento e dúvidas sobre peculiaridades de um relacionamento homossexual. O relacionamento acontece com a mesma dinâmica de um casal heterossexual, como Laís reforça na cena transcrita: “qual o casal que não tem as suas diferenças?”, ou seja, todo casal passa por situações semelhantes, independente de ser um relacionamento hetero ou homossexual. O preconceito é uma realidade da qual o casal de *Vale tudo* não tem conhecimento.

A segunda cena que escolhemos para detalhar acontece após o enterro de Cecília, no capítulo 70, no escritório de Marco Aurélio, onde Renato, amigo de Marco Aurélio e Cecília, conversa sobre herança de Cecília com Marco Aurélio:

Renato: Claro que ela não deve ter feito nenhum testamento. É bem verdade que nós sabemos que, moralmente, a herdeira da Cecília é a Laís, legalmente não, é claro, legalmente o herdeiro é você. Mas também, o que ela deixa é a metade de uma pousada, de uma certa forma é até modesto, comparado com o patrimônio que você tem chega a ser até uma piada. Marco Aurélio, eu tive pensando uma coisa, pra você resolver esse problema você pode sair de uma forma muito digna, você faz um inventário, como reza a lei, e ai depois você faz uma doação da pousada pra Laís.

Marco Aurélio: Que história é essa de doação? Minha irmã, solteira, a título de que eu vou fazer uma doação?

Renato: Você sabe muito bem Marco Aurélio... Marco Aurélio me responde uma coisa, alguma vez você convidou a Cecília para ir a sua casa sem convidar a Laís?

Marco Aurélio: Olha, eu nunca tive nada contra a vida pessoal da minha irmã, mas você pode perguntar a qualquer advogado de porta de delegacia, que ele vai dizer que o verdadeiro herdeiro sou eu, o parente mais próximo.

Renato: Marco Aurélio, você por acaso pretende expulsar a Laís da pousada que ela construiu pedra por pedra junto com a sua irmã?

Marco Aurélio: Não, não, não. Se ela quiser comprar a minha parte eu vendo sem problema nenhum, ou então eu compro a parte dela, desde que ela não me cobre um preço absurdo.

Renato: Olha, francamente Marco Aurélio! Você sabe tão bem quanto eu que a Laís não tem grana para comprar metade da pousada, a Laís vem de uma família humilde, quem tinha o mínimo de grana pra comprar terreno e tudo mais era a Cecília!

Marco Aurélio: Então, mais uma razão pra lamber os beiços, entrou com a cara e a coragem e ficou com a metade da pousada.

Renato: Cara e a coragem Marco Aurélio? Cara e a coragem? Ela entrou com muita garra, muito *know how* e muito carinho e amizade. As duas juntas construíram

aquela pousada.

Marco Aurélio: Não vem com essa história de carinho e amizade não viu? Vai falar isso pra sua vovozinha. Você sabe quanto é que tá custando um terreno em Búzios? Uma nota preta! Eu já falei até com uma construtora, tô a fim de construir um condomínio lá, casinhas geminadas, três quartos de um lado, quatro do outro, eu vou ganhar uma nota preta, ora!

Renato: Marco Aurélio, moralmente a Laís é a herdeira da Cecília, você sabe disso tão bem quanto eu. As duas viveram juntas durante mais de dez anos, trabalharam juntas durante mais de dez anos, a Cecília só não deixou um testamento por que não esperava morrer tão cedo, se não teria feito. Marco Aurélio, você é um homem rico, um homem poderoso, tá se aproveitando de uma situação, de um esquecimento da sua irmã, de uma vontade dela, de um equívoco. Qualquer pessoa que conhecia as duas sabia perfeitamente que jamais passaria pela cabeça da Cecília deixar a Laís um dia sequer desamparada, desprotegida.



Marco Aurélio: Tudo bem, se a Laís se considera assim tão desprotegida que ela chame um advogado pra discutir com o meu. E chega dessa história aí, que essa coisa dessa pousada é insignificante demais pra está me chateando, e todo idiota sabe que o verdadeiro herdeiro sou eu!

Essa segunda cena é retrato de uma discussão que perdura por alguns capítulos, até que a questão se resolva, quando Marco Aurélio, sob pressão por conta da possível divulgação da minuta feita por Cecília antes de morrer, resolve ceder. O que nos chama atenção é a proposta de reflexão sobre os direitos civis dos casais de homossexuais, que nos é tão atual e que *Vale tudo* já trazia e se posicionava em 1988.

Todos os personagens que representavam o bem na trama e que conheciam o casal analisado, neste momento da história, clamavam pelo direito moral à herança que a companheira de Cecília possuía. Por um capítulo inteiro esse é o único tema tratado. A questão posta é uma moral que é completamente desvinculada da lei, da justiça e do direito posto. Consideramos que este posicionamento é coerente com o discurso apresentado pela novela, de contestação da ordem social vigente no Brasil da época,

onde a lei privilegia os mais fortes e pune os mais fracos e pobres.

A terceira cena que descreveremos traz o casal em um momento de carinho, é a última cena antes de Cecília morrer, e é, na verdade, uma despedida. Cecília está indo resolver pendências da pousada em uma cidade próxima a Búzios, elas conversam sobre terem apresentado Raquel e Solange, sobre como as duas estão se dando bem, e depois se despedem:

Cecília: Eu vi agorinha as duas lá na praia, parece que se conhecem há anos. É impressionante como elas conversam

Laís: Também né Cecília, são dois amores de pessoa, só podiam mesmo se dar bem. Eu acho que a gente teve muita sorte de encontrar a Raquel, pena ela ter vindo numa circunstância dessas, né?

Cecília: (estava de pé, e se abaixa ao lado de Laís que está sentada no sofá): Foi sorte mesmo, agora... Sorte tive eu de ter te encontrado. A minha vida antes era tão vazia, tão sem sentido. (Fazendo um carinho nos cabelos de Laís, levanta e beija a testa da companheira). Você quer que eu te traga alguma coisa lá de Arraial?

Laís: Não. (Levanta e anda até a porta): Ah, melão, se você encontrar, porque no Seu Pedro tá em falta. (Sai do quarto).

Cecília anda até a cama, pega sua carteira, pára um pouco e olha para fotografia das duas, que está em um porta-retrato na cabeceira da cama. Neste momento entra uma música romântica, a câmera mostra Cecília sorrindo enquanto observa a foto e o quarto antes de sair.

Escolhemos esta última cena para desenvolver uma reflexão acerca do discurso apresentado pela telenovela e as formas com que os diretores e autores encontram para desenvolvê-lo dentro da narrativa. Em *Vale tudo*, mais vale falar do que mostrar. Essa mesma representação, de certa maneira, se repetiria em novelas posteriores que apresentam personagens homossexuais, como *Torre de babel* e *Páginas da vida*, nas quais a representação das relações homossexuais foi reduzida ao discurso verbal.

A utilização do recurso característico da narrativa áudio-visual é, de alguma forma, esterilizado na representação da relação homossexual em *Vale tudo*. Os personagens falam sobre a relação, mas não a mostram na totalidade. O telespectador

deve contentar-se em ouvir sobre a amor e a beleza da relação entre Laís e Cecília, porque de fato não vai conseguir enxergar em imagens a intensidade da relação da qual tanto se fala na trama.

Evitar o choque do telespectador e permitir que toda família assista a telenovela é o argumento usados por alguns autores, como Silvio de Abreu, autor de *Torre de babel*, para apresentar ao telespectador casais homossexuais que não se tocam e personagens homossexuais com performatividade de gênero considerada “normal”, ou seja, mulheres que, embora sejam lésbicas, necessitam ser “femininas”. O mesmo vale para os gays masculinos, que devem parecer “homens de verdade”. O beijo na testa e o carinho no cabelo são imagens que não acompanham o discurso construído verbalmente em torno da força do relacionamento entre Laís e Cecília, mas essa é a cena mais romântica do casal que encontramos no nosso corpus de análise.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Ambas são personagens que se apresentam como saudáveis, calmas, bem sucedidas, respeitadas, amigas.

Aspectos sobre a sexualidade do personagem:

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Antes de tudo elas se apresentam como um casal, como companheiras e é desta maneira que o telespectador é levado a perceber ambas enquanto lésbicas.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual?

Já aparecem juntas desde quarto capítulo da trama e são apresentadas como companheiras. É também no quarto capítulo que Marco Aurélio se refere à Cecília como “sapa”.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Entendemos performatividade de gênero como um conjunto de atos que regulam o que entendemos por feminino e masculino. Segundo Butler, a concepção binária de

gênero se dá a partir da “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo, para produzir a aparência natural de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p.59). Ou seja, o conjunto de normas pelas quais podemos perceber claramente as diferenças entre homens e mulheres, sem enxergar as convenções que existem em suas performances que repetem (e excluem) formas de vestir, de gesticular, competências, habilidades, sensibilidades.

Desta maneira, avaliamos que as personagens analisadas reiteram o modelo heteronormativo de representação de gênero, o que, de certa maneira, invisibiliza uma série de sujeitos, presentes na vida “real”, que possuem performatividades de gênero diversas daquelas que estabelecemos enquanto “normais”.

Contudo, ponderamos que esta foi a primeira aparição de um casal lésbico na história da telenovela brasileira, e que, no Brasil de 1988, recém saído de um regime militar, ainda não era fácil tocar em todos os temas que *Vale tudo* abordou de maneira incontestavelmente inovadora, temas que em 2010 ainda não resolvemos.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade *queer*, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o

tratamento dado.

As personagens que observamos neste artigo certamente não possuem o que chamamos de performatividade *queer*, ao contrário, como já dito anteriormente, estão inscritas em um modelo binário de representação de gênero, uma vez que não subvertem, na sua performatividade, o que consideramos tipicamente feminino. Também se inscrevem em um modelo heteronormativo de relação amorosa, estável, monogâmica e com direito a subversão da moral e distanciamento desta em relação a norma do direito legal.

É justamente esta reflexão sobre moral que faz toda diferença na conclusão sobre a representação do casal analisado. Levando em consideração o período em que a novela foi exibida, e os temas que ela abordava em sua narrativa, sempre relacionados com a luta pelo poder e pelo ter, e sobre como sobreviver em um país onde não se pune os ricos, não acreditamos que houvesse melhor tema para abordar em uma relação homossexual do que questões relacionadas aos direitos civis dos quais esses sujeitos ainda hoje são excluídos.

Ainda que a novela não nos mostre o relacionamento do qual tanto fala, e que as personagens não subvertam a representação do feminino típico, o tema dos direitos dos casais homossexuais nos parece suficiente para a “construção de um tratamento humanístico do personagem, o que contribui para o combate ao preconceito e a homofobia”, sobretudo porque *Vale tudo* não era uma típica novela que falava de amor.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p 151 a 172.

_____. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro. **Aquenda a metodologia!** uma proposta a partir da análise de

avental todo sujo de ovo. Trabalho apresentado no IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 28 a 30 de maio de 2008, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14306.pdf> - capturado em 29 de outubro de 2008.

GLOBO, Memorial da Rede Globo. disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-232102,00.html>. Capturado em 18 de junho de 2009.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno, descentrando o sujeito. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p 23 a 46.

LOURO, Guarcira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Viajantes pós-modernos In: **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



MORENO, Antonio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Niterói: EdUFF, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença In: **Identidade e diferença- a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8 ° ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.